

A LIBRAS ENTROU NA RODA: A VARIAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL DOS SINAIS *CACURIÁ* E *TAMBOR DE CRIOULA*

Ana Júlia de Sousa Gomes (UFMA)
gomes22julia@gmail.com

Ana Beatriz Rangel Urbano (UFMA)
beatrizrangelurbano@gmail.com

Aryama Catheyryn Fonseca Ferreira (UFMA)
aryamacatarina@gmail.com

Zuleica de Sousa Barros (UFMA)
zuleicabarros23@gmail.com

RESUMO

O Maranhão é um estado possuidor de uma vasta e rica cultura, dispondo de culinária, danças e ritmos musicais ímpares. Essa vasta diversidade cultural é um campo produtivo para os estudos sociolinguísticos, considerando-se que é na/pela língua que a sociedade expressa as suas crenças e tradições. Assim, entende-se que a língua é um instrumento da coletividade, utilizada por inúmeros indivíduos que compartilham contextos econômicos, sociais e geográficos variados. Por isso, em razão dos condicionadores linguísticos e extralinguísticos, a variação linguística é um fenômeno inerente às línguas naturais, podendo ser percebida em diferentes aspectos, dentre eles, a variação semântico-lexical. Considerando esse contexto, este trabalho, de orientação variacionista, objetiva analisar a variação semântico-lexical na Língua Brasileira de Sinais – Libras – dos sinais designativos utilizados para *Cacuriá* e *Tambor de crioula*. Esta pesquisa está fundamentada no arcabouço teórico de Saussure (2012), Labov (2008), Bagno (2007), Coelho *et al.* (2018) e outros. Como parte da metodologia, utilizou-se a aplicação de questionários para a composição do *corpus*, seguido da análise qualitativa e quantitativa. Para a coleta dos dados realizou-se uma pesquisa de campo com 8 sinalizantes surdos, sendo 4 mulheres e 4 homens, todos residentes da capital de São Luís – MA, maiores de dezoito anos. Por meio da análise dos resultados obtidos nessa pesquisa foi possível constatar a existência da variação dos sinais utilizados para os termos em tela, corroborando, assim, com os pressupostos sociolinguísticos variacionistas e, também, para o reconhecimento do estatuto linguístico da Libras.

Palavras-chave:

Danças. Libras. Variação semântico-lexical.

ABSTRACT

Maranhão is a state with a vast and rich culture, offering unique cuisine, dances and musical rhythms. This vast cultural diversity is a productive field for sociolinguistic studies, considering that it is in/through language that society expresses its beliefs and traditions. Thus, it is understood that language is a collective instrument, used by countless individuals who share varied economic, social and geographic contexts. Therefore, due to linguistic and extralinguistic conditioners, linguistic variationis a

phenomenon inherent to natural languages, which can be perceived in different aspects, including lexical-semantic variation. Considering this context, this work, with a variationist orientation, aims to analyze the semantic-lexical variation in the Brazilian Sign Language – Libras – of the designative signs used for *Cacuriá* and *Tambor de crioula*. This research is based on the theoretical framework of Saussure (2012), Labov (2008), Bagno (2007), Coelho *et al.* (2018) and others. As part of the methodology, questionnaires were used to compose the corpus, followed by qualitative and quantitative analysis. For data collection, a field research was carried out with 8 deafsigners, 4 women and 4 men, all residents of the capital of São Luís-MA, over eighteen years old. Through the analysis of the results obtained in this research, it was possible to verify the existence of variation in the signs used for the terms in question, thus corroborating with the variationist sociolinguistic assumptions and also for the recognition of the linguistic status of Libras.

Keywords:

Dances. Libras. Lexical-semanticvariation.

1. Introdução

A cultura é um dos movimentos que impulsionam a sociedade, trata-se de uma rede de compartilhamento de símbolos que constroem a identidade de um grupo ou sociedade. Compreende-se que a evolução da humanidade partiu da necessidade de padrões, nessa perspectiva a cultura trata-se de conjunto de tradições e conhecimentos que norteiam o padrão de vida de um determinado grupo social. O ser humano é um ser social que necessita destes mecanismos culturais, para a construção de uma identidade e a língua é um dos elementos que englobam este campo, assim como a cultura as línguas estão em constante evolução.

Mediante isto, os estudos da Sociolinguística buscam compreender como essas modificações sociais irão influenciar uma língua, comprovando assim o fenômeno da variação, a partir de fatores linguísticos e extralinguísticos. Portanto, as mudanças sociais, comportamentais e culturais influenciam no desenvolver de uma língua, partindo do fato que as modificações trazidas por uma geração passam para a outra, sendo assim, a língua perde ou incorpora novos elementos, constatando assim sua evolução. Desse modo, a presente pesquisa propõe analisar a variação lexical na Língua Brasileira de Sinais no campo semântico das danças, especificamente as danças típicas do estado do Maranhão, compreendendo a Libras enquanto língua, logo, também está sujeita às modificações.

O presente trabalho delimita-se a análise dos seguintes itens lexicais: *Cacuriá* e *Tambor de Crioula*, comprovando suas variações quanto

ao uso social. Partindo do levantamento de dados considerando: a faixa etária, localidade, sexo, idade, contato com a língua de sinais e o envolvimento como o movimento cultural típico da região do Maranhão, considerou-se também a observação da língua nos diferentes contextos e situações concretas.

Observa-se que o sujeito surdo está imerso a sociedade e conseqüentemente a cultura de seu povo, diante disso, ressalta-se a importância de compreender como a língua de sinais se modifica para atender a essas demandas de seus falantes. As pesquisas na área da Sociolinguística corroboram para a evolução da Língua Brasileira de Sinais, pois trata-se de uma língua ainda pouco explorada e necessita de um olhar atento a suas construções.

2. Dança e cultura

A cultura é um campo vasto, que corrobora para a formação do sujeito, sendo este integrante do meio social. Está presente em nosso cotidiano, a partir da fala, do comportamento, e até mesmo da vestimenta, entretanto, uma forma muito popular de se marcar a cultura de um povo é através das manifestações artísticas que compõem a identidade de um determinado grupo, e uma delas é a dança. Trata-se de um movimento artísticos que está presente em toda a história, a dança acompanha nosso cotidiano em diferentes épocas e com diferentes sentidos.

Inacyra Falcão dos Santos, em seu trabalho denominado *Dança e Pluralidade Cultural: corpo e ancestralidade* define dança como:

Propõe-se a dança como linguagem do sensível, que possibilita uma vivência rica em conteúdos que norteiam o processo criativo, compreendendo a tradição e as memórias de uma herança cultural. Esses elementos dialogam com as diversidades, que influenciam a cultura brasileira com um todo. O corpo como construção cultural é portador de emoções, sensibilidade, sentido ético-estético resultante das relações históricas e sociais. Estes sentidos definem a forma do homem ser, pensar e movimentar-se. (SANTOS, 2009, p. 33)

O Maranhão é um estado rico em manifestações folclóricas, em especial, as atrações do período das festividades juninas. O mês de junho costuma ser movimentado e repleto atrações artísticas que envolvem teatro, música e dança.

O Maranhão é um estado de ritmos forjados na confluência de três raças, o branco europeu, o negro africano e o índio nativo. Da comunhão dessas

vivências nascem manifestações culturais ricas e diversificadas em cores, ritmos e danças. (GUIA DO MARANHÃO, 2012-2014, p. 39)

Dentre as várias manifestações artísticas que permeiam o estado, como exemplo, temos o *Cacuriá* e o *Tambor de Crioula* popularmente conhecidos como “brincadeiras” pelos maranhenses, são manifestações que nasceram dentro do estado e são patrimônio cultural. Estas atrações envolvem música e dança, ambas possuem algumas semelhanças, como dança circular e percussão de tambores. Em ambos os grupos temos os brincantes, tocadores e cantores. São marcadas por um sistema repetitivo de ritmo e coreografia que facilita a interação musical e social dos brincantes.

De acordo com Zulmira Nóbrega em sua tese de doutorado denominada: *A festa do maior São João do Mundo: dimensões culturais da festa junina na Capital de Campina Grande*:

Cada evento festivo merece um olhar específico para suas respectivas linguagens que procure desvendar seus códigos e signos multifacetados, fragmentados, e difusos, dispares e complementos. Especialmente por se manifestarem no superdimensionado campo da cultura. (NÓBREGA, 2010, p. 17)

Mediante a autora, conhecer os artefatos culturais de um povo contribui para compreender qual a identidade deste povo, o estado do Maranhão possui uma rica cultura que cativa a maioria de seus habitantes e também turistas. Entre os milhares de habitantes desse estado encontram os indivíduos surdos, vários desses indivíduos estão imersos nesse folclore local, como parte de uma sociedade heterogênea.

Sendo a dança um artefato cultural muito evidente no cotidiano dos maranhenses, é imprescindível que os indivíduos surdos desta região conheçam e se apropriem da cultura de seu local de origem. Ou seja, conhecer e averiguar como a comunidade surda compreende tais artefatos (*Cacuriá* e *Tambor de Crioula*), e principalmente entender como a variação linguística é ascendente em um mesmo grupo social, é de grande valia para os estudos sociolinguísticos.

3. Língua e sociedade

De acordo com Etto e Carlos (2017) para a Sociolinguística e seus estudos, não há somente um código linguístico que defina o falar de todos, pois a língua reflete diretamente nas variedades existentes. Portanto, as pesquisas existentes em seu entorno são relevantes e contribuem

tanto para observamos transformações das variantes, bem como quebrar paradigmas, como o preconceito linguístico.

Desta forma, é perceptível que língua e sociedade são sistemas indissociáveis, para Cunha e Cintra (2016) a sociolinguística nos apresenta de modo mais abrangente que essas inter-relações são complexas, sendo subdivididas em sistemas que são classificados como diassistemas, sendo eles: variações diatópicas, referentes aos falares locais, intercontinentais e regionais; variações diastráticas, que diz respeito ao nível culto, popular e língua padrão e por fim, as variações diafásicas, que foca em língua escrita, literária, linguagem dos homens, linguagem das mulheres etc.

Ainda na visão de Cunha e Cintra (2016) com a concepção da língua como um diassistema, podemos ir ainda além nos estudos sociolinguístico, pois também contamos com fatores geográficos, históricos, sociais e psicológicos estes ocorrendo em todos os níveis: morfológico, sintático, fonético e fonológico que atuam nesta complexidade já citada, fazendo com que tenhamos compreensão de que a variação é inerente ao sistema de língua, e a partir desta indissolubilidade, conclui-se que toda variedade linguística é estruturada e o processo irá corresponder às necessidades dos seus usuários.

Contribuindo com mais ênfase para com todos os âmbitos sociolinguísticos, é imprescindível tratar das colaborações de William Labov, que com sua metodologia, reforçou a relação de fatores sociais e língua, correlacionando-os em suas pesquisas com etnias, sexo, idade e ocupações. É importante salientar que sua pesquisa ocorreu no estado americano de Massachussets, porém, a contribuição da sociolinguística Laboviana impactou e contrapôs o modelo gerativista “o propôs como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo” (TARALLO, 1994, p. 7).

Outro destaque aos estudos de Labov, é que buscam constatar que dentro da própria língua não irá existir uma homogeneidade, conceito este defendido pelo linguista Ferdinand de Saussure, bem como o conceito de falante ideal, apresentado por Chomsky, pois para Labov (1978) um sistema linguístico não é propriedade do sujeito, e sim de uma comunidade, sendo assim, para estudarmos uma língua, deve-se estudar empiricamente as comunidades de fala.

Para López Moralles (1993) a variação linguística se fez presente até nas sociedades mais primitivas, e conforme foram crescendo e se desenvolvendo, tornaram-se mais complexas, fazendo com que integran-

tes destas comunidades assumissem papéis que possibilitavam ainda mais os fenômenos de variações. A partir disso, é presente a heterogeneidade apresentada por Labov, pois com este fator, conseguimos identificar diversos grupos sociais e suas influências para uma língua.

Para Faraco (2005) devemos afastar a concepção de línguas como realidades homogêneas, pois as línguas sofrem variações e se transformam de modo dinâmico, temporal, sem perder sua essência de se constituir em um sistema estruturado e organizado, mesmo sempre estando em movimento. Tais afirmações reforçam ainda mais os estudos da sociolinguística laboviana.

4. *Variação linguística e a libras*

Os estudos linguísticos sobre a Língua Brasileira de Sinais são relativamente recentes comparados aos estudos linguísticos de qualquer língua oral. Afinal, a Libras foi reconhecida oficialmente como língua apenas no ano de 2002, com a promulgação da Lei nº 10.436, proporcionando assim, um vasto campo de estudo para diversas áreas, incluindo os estudos sociolinguísticos.

A Língua Brasileira de Sinais, assim como qualquer outra língua natural, apresenta variação linguística. Afinal, como afirma Bagno (2007), a língua é um enorme *iceberg* flutuando no mar do tempo, ou seja, esta permanece em constante evolução. Sendo assim, a Libras está sujeita às mudanças linguísticas, apresentando variações em diversas dimensões da língua. É importante ressaltar que a variação não acontece aleatoriamente e nem acontece por acaso, mas por fatores históricos, econômicos, geográficos e socioculturais vivenciados pelos usuários desta língua, assim como por fatores encontrados dentro da própria língua. Como relata Karnopp (2008):

Ao estudarmos as línguas de sinais, estamos tratando também das relações entre linguagem e sociedade. A linguística, ao estudar qualquer comunidade que usa uma língua, constata, de imediato, a existência de diversidade ou de variação, ou seja, a comunidade linguística (no caso aqui investigado, a comunidade de surdos) se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de usar a língua de sinais. A essas diferentes maneiras de fazer sinais, utiliza-se a denominação de “variedades linguísticas”. (KARNOPP, 2008, p. 6)

Pode-se perceber que mesmo dotada de variações, os falantes/sinalizantes de uma determinada língua conseguem se comunicar

perfeitamente, independentemente da localização geográfica, faixa etária, gênero e escolaridade. Isto ocorre, uma vez que, a língua é considerada um sistema organizado e, para as variações acontecerem existem regras da própria língua que as regem, ou seja, a variação é sistematicamente ordenada.

As regras que regem a variação são denominadas de “regras variáveis” da língua. De acordo Coelho *et al.* (2008), estas são as regras que permitem que, em certos contextos linguísticos, sociais e estilísticos, falemos de uma forma e, em outros contextos, de outra forma, alternando duas ou mais variantes. Pode-se afirmar que a seleção entre uma ou outra variante é influenciada por fatores internos e/ou externos da língua, os nomeados condicionadores linguísticos e extralinguísticos.

De acordo com Bagno (2007) há elementos sociais que viabilizam o fenômeno da variação linguística. Por exemplo, a região onde vive o falante/sinalizante, faixa etária, gênero, status socioeconômico e grau de escolarização. Diante disto, Strobel e Fernandes (1998), apresentam alguns exemplos de variação em Libras, são elas: a variação regional, variação social e mudanças históricas. A variação regional representa as variações de sinais de uma região para outra, no mesmo país, percebendo-se mudanças nas configurações de mão, movimento e ponto de articulação. A variação social refere-se às variações na configuração de mãos e/ou no movimento, sem alterar o sentido do sinal. Já as mudanças históricas referem-se ao sinal que pode sofrer alteração decorrente dos costumes da geração que o utiliza ao passar do tempo (STROBEL; FERNANDES, 1998).

5. Metodologia

Para este trabalho fora realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico que serviu para a construção sólida da fundamentação teórica deste estudo. Além da pesquisa bibliográfica, para a coleta de dados fora realizada uma pesquisa de campo com sinalizantes surdos. Estes informantes apresentam como perfil principal serem surdos, maranhenses, que possuem contato com a Língua Brasileira de Sinais e também que participam e/ou acompanhem as danças típicas do período junino no estado do Maranhão.

Ao todo, esta pesquisa contou com oito participantes, sendo 50% do sexo feminino e 50% do sexo masculino. Os informantes apresentam

a faixa etária de dezoito a vinte cinco anos. No que se refere ao nível de escolaridade, a maioria dos participantes apresenta o ensino médio completo. É válido ressaltar que se levou em consideração a idade em que os informantes começaram a ter o contato com a Libras, sendo que a prevalência deste critério foi de zero a dez anos.

No que diz respeito à seleção dos dados, o campo semântico escolhido foi o das danças, especificamente as danças típicas do período junino no estado do Maranhão. Sendo assim, foram selecionados dois itens do como semântico mencionado, sendo eles: *Cacuriá* e *Tambor de Crioula*. A escolha destes itens se deu devido a uma coleta prévia dos dados que demonstraram um expressivo quantitativo de variantes.

Em relação à coleta de dados, esta foi feita inicialmente por meio do formulário virtual *Google Forms*. Esse formulário foi elaborado com o intuito de ter ciência de informações importantes para realização da análise de dados, como por exemplo, faixa etária dos informantes, escolaridade, gênero, dentre outras informações relevantes para o prosseguimento da pesquisa.

Em seguida, devido a impossibilidade da realização das entrevistas de forma presencial em decorrência da pandemia da Covid-19, optou-se em elaborar um vídeo contendo trechos de apresentações correspondentes ao *Caruriá* e o *Tambor de Crioula*. Após a confecção do material, este foi enviado aos informantes pela plataforma do *WhatsApp*, solicitando aos participantes que apresentassem, a partir de um vídeo autoral, os sinais que utilizam para se referirem as duas unidades lexicais que foram selecionados para serem analisados nesta pesquisa. Ressaltando que optou-se em utilizar o canal do *WhatsApp*, pois esse é um dos recursos de comunicação mais acessível na atualidade, assim como também possui ferramentas que auxiliam para coleta de dados, como por exemplo o envio de vídeos e também de *links*, sendo este último referente ao questionário do *Google Forms*.

6. Descrição e análise de dados

Esta seção é designada para a apresentação dos dados coletados durante a pesquisa de campo por meio das entrevistas com os informantes. Desta forma, realizou-se uma descrição e análise dos itens lexicais coletados ao decorrer da pesquisa. Para efetuar a descrição e análise das variantes, consideraram-se os parâmetros proposto por Stokoe em seus

estudos sobre as unidades de configuração de mão (formas das mãos), ponto de articulação ou localização (locais onde os sinais são produzidos) e movimento (atividade empregada na composição da mão em determinada localização) (QUADROS, 2019). Além destes parâmetros, também considerou-se a orientação da palma proposto por Battison (1978), assim como as expressões faciais e/ou corporais.

Em relação à descrição das configurações de mão dos sinais, selecionou-se o quadro organizado pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES. Sendo assim, a descrição de cada sinal foi feita de forma detalhada, atentando-se para cada um dos parâmetros que compõem as variantes.

Figura 1: tabela de configurações de mão.



Fonte: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-2082-1.pdf>.

✓ CACURIÁ

- Variante 1:

Figura 2: Sinal de CACURIÁ.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Na figura acima, observa-se a variante utilizada para se referir ao item lexical *Caruriá*. O significado deste termo se dá a partir da combinação de dois sinais. O primeiro é realizado com uma mão, sendo realizado de acordo com a tabela do INES, com a configuração de mão de nº 46. A orientação da palma é para baixo, apresentando como ponto de articulação o espaço neutro (lateral do corpo) e movimento semi-circular. O segundo sinal é realizado com as duas mãos apresentando como configuração de mão a de nº 26. A orientação da palma é para dentro, como ponto de articulação o espaço neutro (frente ao peito) e movimento semi-circular. Ambos os sinais não apresentam expressão facial e/ou corporal.

- Variante 2:

Figura 3: Sinal de CACURIÁ.



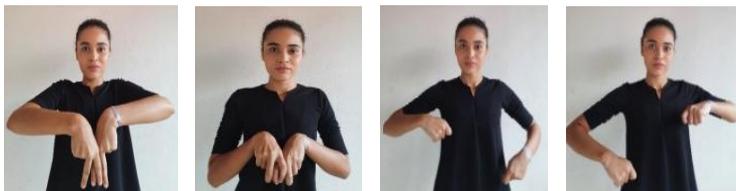
Fonte: Elaborado pelos autores.

A figura demonstra a segunda variante encontrada para a unidade lexical *Caruriá*. Esta variante é realizada com um sinal composto. O primeiro é realizado com a configuração de mão de nº 46 em ambas as mãos, orientação da palma para baixo, apresentando como ponto de articulação o espaço neutro (lateral do corpo), tendo como expressão corpo-

ral o movimento dos quadris (leve rebolado) e movimento sinuoso. Já o segundo sinal é realizado com as duas mãos com a configuração de mão de n° 68, a orientação de palma para lateral, ponto de articulação o espaço neutro (frente ao peito), movimento sinuoso e com a expressão facial (língua para fora).

- Variante 3:

Figura 4: Sinal de CACURIÁ.

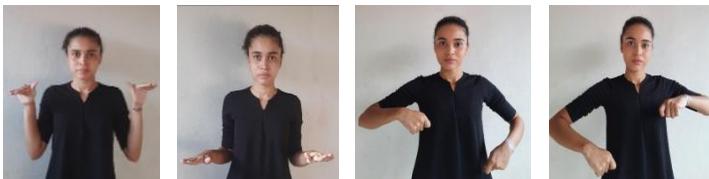


Fonte: Elaborado pelos autores.

Na figura acima nota-se a terceira variante encontrada para se referir ao termo *Caruriá*. Essa também é um sinal composto. Sendo que o primeiro é realizado com a configuração de mão de n° 54, em ambas as mãos, mudando posteriormente para a de n° 32, retornando para a configuração inicial, a orientação da palma para dentro, tendo como ponto de articulação o espaço neutro (frente ao peito) e movimento circular. O segundo sinal é realizado com a configuração de mão de n° 46 em ambas as mãos, orientação da palma para baixo, apresentando como ponto de articulação o espaço neutro (lateral do corpo) e movimento circular. Ambos os sinais apresentam como expressão corporal o movimento dos quadris (leve rebolado).

- Variante 4:

Figura 5: Sinal de CACURIÁ.

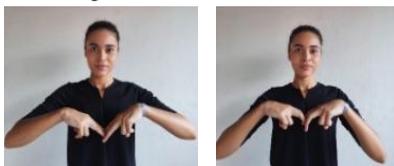


Fonte: Elaborado pelos autores.

A figura anterior demonstra a quarta variante para o item lexical *Cacuriá*. Assim como as demais variantes, essa também é realizada com um sinal composto. Sendo o primeiro sinal com a configuração de ambas as mãos a de nº 46, orientação da palma para baixo, apresentando como ponto de articulação o espaço neutro (lateral do corpo) e movimento circular. O segundo sinal tem em ambas as mãos a configuração inicial a de nº 75, mudando posteriormente para a de nº 02, retornando para a configuração inicial, a orientação da palma é para baixo, tendo como ponto de articulação o espaço neutro (lateral do corpo) e movimento retilíneo. Ambos os sinais tem como expressão corporal o movimento dos quadris (leve rebolado).

- Variante 5:

Figura 6: Sinal de CACURIÁ.

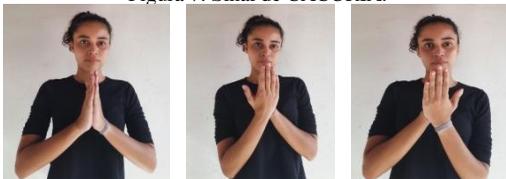


Fonte: Elaborado pelos autores.

Essa figura apresenta a quinta variante para o termo CACURIÁ. Sendo a configuração de mão inicialmente utilizada a de nº 54, mudando para a configuração de mão de nº 32 retornando para a configuração inicial. A orientação da palma é para baixo, apresenta como ponto de articulação o espaço neutro (frente ao peito), movimento angular e sem expressão facial e/ou corporal.

- Variante 6:

Figura 7: Sinal de CACURIÁ.

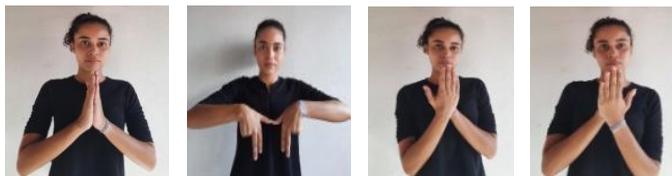


Fonte: Elaborado pelos autores.

Nessa figura observa-se a sexta variante para a unidade lexical *Cacuriá*. Este sinal é realizado com ambas as mão na configuração de n° 02, tendo a orientação da palma para lateral, o ponto de articulação o espaço neutro (frente ao peito), movimento semi-circular e sem expressão facial e/ou corporal.

- Variante 7:

Figura 8: Sinal de CACURIÁ.

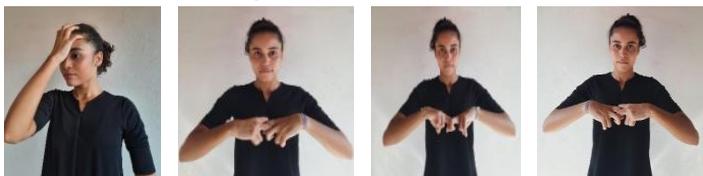


Fonte: Elaborado pelos autores.

A figura acima apresenta a sétima variante para CACURIÁ. Sendo realizada com ambas as mãos com a configuração de mão de n° 26, tendo a orientação da palma para dentro, ponto de articulação o espaço neutro (frente ao peito), o movimento é o balançar dos dedos indicadores e médio sem expressão facial e/ou corporal.

- Variante 8:

Figura 9: Sinal de CACURIÁ.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Na próxima figura tem-se a última variante coletada para a unidade lexical *Cacuriá*. Esta variante é realizada com um sinal composto. O primeiro é realizado com a configuração de mão de n° 15, orientação da palma para dentro, apresentando como ponto de articulação a testa, não possui movimento e nem expressão facial e/ou corporal. O segundo sinal

é realizado com as duas mãos com a configuração de mão de nº 32, a orientação de palma para baixo, ponto de articulação o espaço neutro (frente ao peito), movimento semicircular e com expressão facial (morder o lábio inferior).

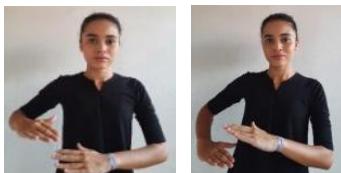
Mediante aos dados adquiridos para o item lexical de CACURIÁ em Libras, observou-se que os informantes do sexo masculino realizaram sinais distintos, tendo similaridade apenas no ponto de articulação (frente ao peito), um dos informantes (variante 8 – *Cacuriá*) utilizam complemento com outro sinal. Nota-se que os homenstendem a não usar expressão facial e/ou corporal, apenas um informante (variante 8 – *Cacuriá*) do grupo emprega tal parâmetro.

As informantes do sexo feminino utilizam sinais parecidos entre si para *Cacuriá* (variantes 1, 2, 3 e 4 – *Cacuriá*) baseados na incorporação para repassar ideia de dança (movimento dos quadris e rebolado), com diferença nos pontos de articulação. Apenas uma mulher (variante 2 – *Cacuriá*) faz uso de expressão facial. As informantes do sexo feminino tendem a ser mais descritivas diferentemente dos homense baseiam-se nos movimentos corporais (típicos da própria dança) e expressões faciais, para assim, complementar o sinal e se fazer entender.

✓ TAMBOR DE CRIOULA

- Variante 1:

Figura 10: Sinal de TAMBOR DE CRIOULA.

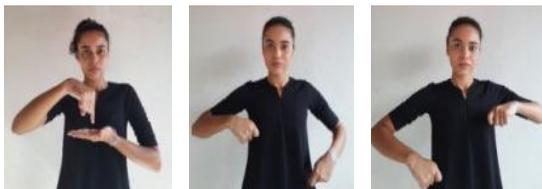


Fonte: Elaborado pelos autores

Essa figura demonstra a variante coletada para o item lexical *Tambor de Crioula*. Este sinal é realizado com a configuração de mão de nº 02, a orientação da mão é para baixo, ponto de articulação é o espaço neutro (lateral do corpo), movimento retilíneo e sem expressão facial e/ou corporal.

- Variante 2:

Figura 11: Sinal de TAMBOR DE CRIOLA.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Nessa figura observa-se a segunda variante para a unidade lexical *Tambor de Crioula*. Esta variante é realizada com um sinal composto. Sendo o primeiro sinal realizado com as duas mãos. A mão dominante assume a configuração de nº 49, apresentando a orientação da palma para lateral, o ponto de articulação é o espaço neutro (frente ao peito) e o movimento é circular. Já a mão não dominante possui a configuração de mão nº 02, não apresenta movimento, a orientação da palma é para cima e o ponto de articulação é o espaço neutro (frente ao peito). Ambos os sinais apresentam como expressão corporal o movimento dos quadris (leve rebolado). O segundo sinal é realizado com a configuração de mão de nº 46 em ambas as mãos, orientação da palma para baixo, apresentando como ponto de articulação o espaço neutro (lateral do corpo), tendo como expressão corporal o movimento dos quadris (leve rebolado) e movimento circular.

- Variante 3:

Figura 12: Sinal de TAMBOR DE CRIOLA.



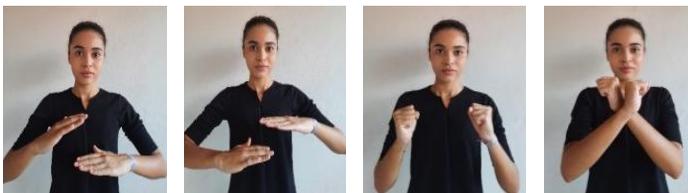
Fonte: Elaborado pelos autores.

A figura demonstra a terceira variante para a unidade lexical *Tambor de Crioula*. O significado deste termo se dá a partir da combina-

ção de dois sinais. O primeiro é realizado com a configuração de mão de nº 02, a orientação da mão é para baixo, ponto de articulação é o espaço neutro (frente ao peito) e movimento retilíneo. Para realizar o segundo sinal, ambas as mãos assumem a configuração de nº 46, orientação da palma para baixo, apresentando como ponto de articulação o espaço neutro (lateral do corpo) e movimento circular. Tendo como expressão corporal o movimento dos quadris (leve rebolado).

- Variante 4:

Figura 13: Sinal de TAMBOR DE CRIOLA.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Na figura observa-se a última variante para o item lexical *Tambor de Crioula*. Assim, como a variante anterior, essa também é realizada com um sinal composto. Sendo que o primeiro assume a configuração de mão de nº 02, a orientação da mão é para baixo, ponto de articulação é o espaço neutro (frente ao peito) e movimento retilíneo. Já o segundo é realizado com a configuração de mão de nº 69 em ambas as mãos, a orientação da palma para a lateral, ponto de articulação é o espaço neutro (frente ao peito) e movimento retilíneo. Ambos os sinais não apresentam expressão facial e/ou corporal.

Quanto ao item lexical *Tambor de Crioula* o grupo masculino apresentou dois informantes que dizem não conhecer sinalário correspondente. Os outros dois (variante 1 e variante 4 – tambor de crioula) usam sinais similares entre si para designar *Tambor de Crioula*, fazendo alusão ao instrumento tambor, sendo que um dos informantes (variante – 4) utiliza um complemento, novamente sem o uso de expressão facial.

As presentes variações dentro do grupo masculino decorrem devido ao grau de escolaridade distinto, influenciado pelo contato com a língua. Isto decorre devido ao maior ou menor acesso à educação formal e com isso, a cultura letrada, a prática e uso da língua em diferentes con-

textos. Temos como exemplo dentro desta pesquisa, dois informantes que não conhece sinalário para tambor de crioula, o primeiro apresenta contato tardio com a língua de sinais, fato que influencia no seu arcabouço lexical. E o outro informante apresenta incompletude dos anos escolares. Dessa forma, observa-se como os fatores extralinguísticos corroboram para a variação linguística.

Ao observarmos o item lexical *Tambor de Crioula*, duas das mulheres (variante 3 - tambor de crioula) realizam o mesmo sinal, fazendo alusão à saia usada e movimentos próprios da dança em questão. Um dos sinalizantes do gênero masculino (variante 1- tambor de crioula) usa o mesmo sinal que uma das mulheres (variante 1 – *Tambor de Crioula*), apenas uma das informantes (variante 2 – tambor de crioula) realiza um sinal totalmente distinto. Tal acontecimento decorre devido ao grau de escolarização e ao tipo de educação acessada, traduzindo uma releitura diversificada que cada sujeito faz do item lexical. Em suma, ao observar-se o todo, nota-se que novamente as mulheres se valem do uso do corpo e fazem uso dos variados recursos que a língua oferece.

Ao compararmos os dados adquiridos, destaca-se que o item lexical *Cacuriá* foi mais produtivo em termos de variação em comparação ao item lexical *Tambor de Crioula*, observando que as informantes do gênero feminino apresentaram sinalário para ambos, quanto ao grupo masculino, apenas dois informantes apresentam sinais para tambor de crioula. Conclui-se que o grupo feminino se mostrou mais prolífero quanto a língua em uso.

Sendo assim, comprova-se a presença de variação mediante a descrição dos dados. Podemos analisar que os informantes do sexo masculino tendem a ser mais sintéticos e sinalizar de forma contundente. Contudo, as informantes do sexo feminino tendem a ser mais representativas e minuciosa, enquanto os homens focaram na palavra/sinal, as mulheres buscaram compreender o contexto da pesquisa, sendo mais detalhistas, através de sinais descritivos.

Essa variação acontece mediante a tendência de normatização das mulheres, que durante o seu período de aprendizagem na língua sinalizada mostram-se adeptas a língua de sinais como um todo referencial e contextualizado, de forma que durante a sinalização avaliaram além do item lexical, o contexto e o campo semântico da pesquisa, neste caso as danças. Fato que faz diferença ao receptor, pois a contextualização auxilia na compreensão do todo enunciativo.

Dessa forma, a presente pesquisa traz a variação lexical na Língua Brasileira de Sinais que acontece condicionada ao fator gênero e que pode ser influenciado pelo fatores colaridade e contato com a língua, pois as mulheres apresentam tendência explicativa, e os homens são mais concisos. É válido ressaltar que existem modulações particulares quanto a forma de sinalizar de cada sujeito, que devem ser respeitadas.

As diferenciações linguísticas explicam-se através dos papéis sociais que homens e mulheres realizam e do contato com a língua. Observa-se que as mulheres se valem do corpo, realizam movimentos próprios da dança, utilizam expressões faciais e/ou corporais, enquanto o grupo masculino se vale apenas do uso do respectivo sinal. Desta forma, torna-se comum atribuímos essas características mais esmeradas as mulheres e as características mais robustas aos homens dentro de uma visão do corpo social.

7. Conclusão

Nesta pesquisa, exploramos uma pequena parte da grandiosa cultura maranhense, *Cacuriá* e *Tambor de Crioula*, atrações apreciadas principalmente durante o período de festividades juninas, atraindo turistas e moradores locais por suas infinidades de riquezas. O propósito do trabalho, conforme apontado anteriormente, é analisar dentro do campo semântico escolhido a variação na Língua Brasileira de Sinais, explorando seu léxico nesse contexto.

Considerando que todos os participantes são surdos, ao decorrer da pesquisa é possível apontar suas respectivas variações, correlacionando-as ao cunho bibliográfico utilizando, podendo comprovar dentro dos estudos de Labov (1972), por exemplo, fatores determinantes que comprovaram que a variação não ocorre de forma aleatória. Dentro do âmbito da sociolinguística Laboviana, fatores como: idade, gênero, região, entre outros, a variação é a possibilidade de desenvolvimento, evolução e estruturação de qualquer língua, portanto, a pesquisa almeja contribuir para mais discussões e estudos futuros referentes à Libras.

Também é válido ressaltar que pesquisas referentes à Língua de Sinais Brasileiras concatenadas com a Sociolinguística são escassas, tal como estudos que apresentam catalogações de sinais e suas descrições, portanto, outro ponto relevante é que pesquisa corrobore para mais investigações e observações. Para além disso, independente da modalidade a

qual pertença, a língua possui a função social de estabelecer a comunicação, comprovando que a variação é um fenômeno recorrente e importante que faz parte dela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: Introdução à Filosofia. Revista Moderna*. 4. ed. São Paulo, 2009.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz?*. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BATTISON, R. *Lexical Borrowing in American Sing Language*. Silver Spring: Linstok Press, 1978.

COELHO, I. L. *et al. Para conhecer sociolinguística*. 1. ed. 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2018.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

Etto, Rodrigo. Carlos, Valeska. *Sociolinguística: o papel da língua. Revista Mosaico*, v. 16, São Paulo, 2017.

FARACO, C. A. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005.

KARNOPP, Lodernir. *Fonética e fonologia*. Florianópolis: UFSC, 2008.

LABOV, W. Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. In: *Sociolinguistic Working Papers*, 1978.

LÓPEZ MORALES, H. *Sociolinguística*. 2. ed. Madrid: Gredos, 1993.

NÓBREGA, Zulmira. *A festa do maior São João do mundo: dimensões culturais da festa junina na Capital de Campina Grande*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

QUADROS, Ronice Müller de. *Libras*. 1. ed. São Paulo: Parábolas, 2019.

SANTOS, Inaicyra Falcão dos. *Dança e Pluralidade Cultural: Corpo e Ancestralidade. Revista Múltiplas Leituras*, v. 2. São Paulo, 2009.

STROBEL, K. L; FERNANDES, S. *Aspectos Linguísticos da Língua Brasileira de Sinais*. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo, Ática, 1994.

Outra fonte:

Guia do Maranhão. São Luís do Maranhão 400 anos. VI ed. São Luís, 2012-2014.